

RIO DA DÚVIDA: OLHARES SOMBRIOS SOBRE AS ESPACIALIDADES AMAZÔNICAS

Francilene Virgolino de Azevedo¹

Avacir Gomes dos Santos Silva²

RESUMO: O objetivo do artigo é compreender, por meio da obra de Candice Millard (2007), “*Rio da Dúvida: a sombria viagem de Roosevelt e Rondon pela Amazônia*”, como a viagem expedicionária do norte-americano Theodore Roosevelt e do brasileiro Cândido Rondon pela Amazônia, entre os anos de 1913 e 1914, contribuiu para reforçar o olhar do colonizador sobre as espacialidades amazônicas. Para tanto, recorreremos às contribuições teóricas de Neide Gondim (2019); Márcio Souza (2019), João de Jesus Paes Loureiro (2015) e Mary Louise Pratt (1999), os quais apresentam outras narrativas sobre as espacialidades amazônicas para além das concepções colonialistas. Esperamos com este estudo possa fazer fruir outras narrativas discursivas, para que outras vozes, outras histórias e outros modos de vida sejam valorizados como elementos constitutivos das espacialidades em Santos Silva (2014), e pertencimentos Yi-Fu Tuan (2012), do modo de ser e viver amazônicos.

Palavras-chave: Amazônia.; Espacialidades; Expedições; Colonialismo

THE RIVER OF DOUBT: DARKEST VIEWS OF AMAZON SPATIALITIES

ABSTRACT: The objective of this article is understand, through the work of Candice Millard (2007), “The River of Doubt: Roosevelt’s and Rondon Darkest Journey through the Amazon”, as the expeditionary voyage of the North American Theodore Roosevelt and the Brazilian Cândido Rondon through the Amazon, between the years 1913 and 1914, contributed to reinforce the colonizer's view of the Amazonian spatialities. To do so, we resort to the theoretical contributions of Neide Gondim (2019); Márcio Souza (2019); João de Jesus Paes Loureiro (2015) and Mary Louise Pratt (1999), who present other narratives about Amazon spatialities beyond colonialist conceptions. We hope that this study can bring to fruition other discursive narratives, so that other voices, other stories and other ways of life are valued as constitutive elements of spatialities in Santos Silva (2014), and belongings Yi-Fu Tuan (2012), of the Amazon way of being and living.

Keywords: Amazon; Spatialities; Expeditions; Colonialism

¹Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail: francilenevedo@hotmail.com

²Doutora em Geografia, Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidades Amazônicas (GEAM/UNIR), e-mail: avacir.santos@unir.br

1 Introdução

O espaço amazônico, a partir da “descoberta” do Novo Mundo, se configurou como elemento principal das grandes narrativas dos viajantes: expedicionários, exploradores, religiosos, pintores, romancistas, imigrantes, comerciantes, curiosos, aventureiros, literatos, dentre todos aqueles que percorreram a Amazônia pessoalmente ou apenas a visitaram por meio de escritos de terceiros.

A região amazônica sempre povoou o imaginário dos viajantes, expedicionários e exploradores: a imensidão dos rios, lagos, igapós e cachoeiras; a diversidade e o colorido das aves, as riquezas minerais, as diferentes espécies da fauna e flora, as populações autóctones, que para o imaginário do “velho mundo” viviam no “estado original”.

O colonizador europeu, “civilizado” e cristão, percebia o espaço amazônico como hostil, “selvagem” e inóspito. Tal concepção, por sua vez, justificava para o colonizador a domesticação da floresta e a adaptação, assimilação e conversão dos povos indígenas, os quais em função de um modo de vida diferenciado do europeu foram considerados povos sem rei, sem Deus e sem Estado.

Esse cenário, do olhar colonizador, foi reproduzido e reforçado pelo presidente norte-americano Theodore Roosevelt, entre 1913 e 1914, quando participou de uma expedição na Amazônia, juntamente com o sertanista brasileiro Cândido Rondon, a fim de mapear a extensão de um rio até então “desconhecido”. No ano de 1909, o militar havia encontrado a nascente do rio, por não ter o conhecimento onde o rio desaguava lhe batizou como “Rio da Dúvida”.

O objetivo geral deste escrito é compreender como a expedição apresentada na obra: “*Rio da Dúvida: a sombria viagem de Roosevelt e Rondon pela Amazônia*”, da autora Candice Millard (2007), contribuiu para reforçar o olhar do colonizador sobre as espacialidades amazônicas. Quanto aos objetivos específicos procuramos analisar como foi construída a narrativa dos integrantes da comitiva Roosevelt sobre o território amazônico e interpretar os olhares, que são apresentados na referida obra sobre as espacialidades amazônicas.

Para a escrita do artigo utilizamos como objeto da pesquisa a obra, que pode se enquadrar nos escritos chamados diários de viagem, “*O Rio da Dúvida: a sombria viagem de Roosevelt e Rondon pela Amazônia*”. Segundo Drummond (2010), o resultado da obra de Millard é uma narrativa da viagem famosa, que aborda marcante singularidade no conjunto de viagens de exploração da região amazônica.

Para a pesquisa bibliográfica recorremos às contribuições teóricas de Gondim (2019), Santos Silva (2014), Souza (2019) e Loureiro (2015), os quais apresentam outras narrativas, para além das concepções colonialistas, que reproduzem sentidos estereotipados das realidades amazônicas.

Quanto a conceito de espacialidades, nos embasamos em Santos Silva (2014, p. 54), que as definem como: “as formas como os seres humanos, em sociedade, se relacionam com o espaço, que são mediadas pelas vivências (tanto de inclusão como de exclusão espacial) e pelas interpretações sociais do espaço (cultura, religião, imaginário, linguagem, artes)”. Para Ramos (1982), as espacialidades podem ser consideradas como formas de organização espacial de outros momentos, que as diferenciam historicamente umas das outras.

O conceito de pertencimento advém da abordagem em geografia cultural, tendo com fundante os escritos de Yi-Fu Tuan (2012), para o qual pertencimento:

[...] refere-se à emoção com que o homem se relaciona com uma escala do espaço que faz dele um lugar humano, individualizado, por sentidos positivos de proteção, segurança e da consciência do passado como elemento importante do amor pelo lugar. (TUAN 2012, p. 144),

Esperamos, com análise da referida obra fazer fruir outras narrativas discursivas, a fim de que outras vozes, outras histórias e outros modos de vida sejam valorizados como elementos constitutivos das espacialidades e dos pertencimentos do modo de ser, viver e estar no mundo amazônico.

2 Sobre o gênero literatura de viagem

“*O Rio da Dúvida*” foi o primeiro livro da jovem jornalista e escritora americana, que para levantamento das informações sobre a grande expedição manteve contato, além das fontes oficiais dos museus, com os povos indígenas Cinta Larga (Rondônia e Mato Grosso), com os descendentes do Marechal Cândido Rondon e do ex-presidente americano Theodore Roosevelt.

A obra de Candice Millard pertence ao gênero literatura de viagem. Este suporte literário apresenta narrativas referentes às expedições ou viagens, que retratam as experiências, descobertas e o cotidiano dos lugares percorridos durante a viagem, por um ou mais viajantes, comitivas e expedições.

Outra característica do gênero literatura de viagem, este sempre aborda um elemento peculiar, a concepção e a visão de mundo que o viajante vê ou sente, quando se encontra numa terra estrangeira, com gente e lugares diferentes. O que em geral, vai retratar o estranhamento do outro, da sua cultura e do seu modo de vida (ROMANO, 2013).

Na literatura de viagem as narrativas se desenrolam numa perspectiva interdisciplinar, interligando conhecimentos da história, da antropologia e da ficção, informações técnicas e científicas, bem como a descrição da fauna, flora e minerais da região, os costumes e crenças dos povos habitantes de uma dada região.

As aventuras, intempéries e os desafios da expedição Roosevelt-Rondon pelos confins da Amazônia, no alvorecer do século XX, foram retroalimentados no novo suporte textual por meio da obra de Candice Millard no século XXI. Aquela aventura reforçou o imaginário do americano como o colonizador civilizado ao singrar os rios amazônicos.

A esse respeito, o sucesso da empreitada além de relatos, documentários e livros alcançou as telas do cinema com a produção nacional da série: “O hóspede americano”, em 2021, sob a direção e produção do cineasta Bruno Barreto (disponível na plataforma de *streaming* da HBO Max).

3 A expedição científica pela floresta amazônica

A viagem de Theodore Roosevelt à América do Sul no ano de 1913, foi motivada pelo convite do presidente do Museo Social Argentino, para proferir uma série de conferências a respeito da carreira política do ex-presidente. O roteiro de viagem incluía o Brasil, onde o americano desejava realizar uma expedição pela “remota” e “inexplorada” Amazônia.

Com a derrota na eleição de 1912, Roosevelt não conseguiu o feito de chegar à Casa Branca e assumir pela terceira vez o mandato presidencial. Uma jornada pela parte sul do continente americano, pareceu ao ex-presidente a oportunidade para mais uma viagem, a fim de reforçar a imagem dele de grande e destemido aventureiro.

O padre John Augustine Zahm alardeava ser um perito conhecedor da América do Sul, de ter viajado pelo continente e produzido livros sobre o assunto. Assim, de acordo com Millard (2007, p.38), “o velho sacerdote logo assumiu a responsabilidade de planejar a expedição e tomou para si o encargo de escolher uma rota, organizar o transporte e providenciar provisões e equipamentos”.

Embora entusiasmado com a organização da expedição, o padre Zahm, repassou tal incumbência para Antony Fiala. Um balconista de loja de departamentos, o qual ficou responsável pela logística e a providência de provisões e equipamentos da expedição. Na sua obra Millard (2007), enumera sucessivos erros, o principal deles, quando Zahm entregou ao encargo de amadores, como Fiala e Sigg o planejamento da expedição.

O roteiro provisório consistia em adentrar uma região desconhecida e navegar pelos rios Amazonas, o Rio Negro e o Rio Orinoco, cruzando a Venezuela até o Oceano Atlântico. Segundo Millard (2007, p. 61),

Com todo o seu fascínio exótico e sua riqueza potencial, a grande bacia do rio Amazonas permanecia em 1913, um lugar imenso e notavelmente misterioso, intocado pela modernidade, repelindo até mesmo as mais decididas tentativas de explorar seus segredos escondidos. Embora mais de dois terços da bacia amazônica estejam dentro das fronteiras brasileiras, no início do século XX, a ampla maioria dos brasileiros se aglomerava na ensolarada costa leste, tinha pouco interesse em conhecer o que havia naquela região e nenhuma condição de conhecê-la mesmo que quisesse.

No começo do século XX, o imaginário da Amazônia continuava sendo descrito como nos primeiros relatos de viagem, carregado de mistérios, fascínios e admiração. A floresta era percebida como uma imensidão de área de vida selvagem e despovoada. Esta imagem é criticada por Souza (2019, p.47): “quando os europeus chegaram no século XVI, a Amazônia era habitada por um conjunto de sociedades hierarquizadas, de alta densidade demográfica”.

A narrativa da expedição Roosevelt não foi a primeira, que em função de uma pseudo despovoação da Amazônia, passou a justificar o povoamento da região. Segundo Palm (2009), o norte-americano Matthew Fontaine Maury, além de reacender a campanha em 1850, pela abertura do Rio Amazonas, elaborou um plano de povoar a extensa e desabitada floresta, com a transferência de escravos africanos juntamente com os seus senhores, os fazendeiros sulistas para a Amazônia.

Quando a comitiva americana chegou ao Brasil, o ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, convidou Theodore Roosevelt a realizar a expedição pelo “Rio da Dúvida”, o qual não constava nos mapas hidrográficos da parte sul do continente americano. A aceitação do convite implicou na mudança de planos. O que não agradou ao ornitólogo Frank Chapman, que declarou: “Na América do Sul não existe expedição mais difícil do que essa descida do Rio da Dúvida” (MILLARD, 2007, p. 66).

A liderança da expedição ficou a cargo do militar brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon, que acumulava no currículo uma extensa jornada de explorador da Amazônia, quando foi designado a interligar a região por meio da implantação das linhas telegráficas. O pensamento do sertanista, segundo Millard (2007, p. 63) era: “que só se incorporaria àquela expedição se fosse um empreendimento científico sério. Não queria ser um guia turístico, nem participaria de um safári de caça”.

4 Os olhares sombrios do estrangeiro sobre a Amazônia

A expedição foi iniciada em 12 de dezembro de 1913. Quando ocorreu o encontro de Rondon e Roosevelt na junção dos rios Paraguai e Apa, em Corumbá, a margem do Rio Paraguai. A partir de então, os cenários amazônicos foram sendo descortinados aos olhares sombrios da comitiva americana. Entre eles destacamos da obra de Millard os seguintes:

George Cherrie: “Expressa a princípio um encantamento pela região, mas não demora muito para a admiração ceder lugar ao desencanto com o costume local, quando verifica que não havia bondes nem coches de aluguel” (2007, p. 87).

Roosevelt: “Não era uma precisão militar, mas um completo caos, a aldeia ribeirinha consistia no agrupamento de pequenas choupanas de paredes de barro” (2007, p.90).

Kermit: “Dá vontade de matar a manada toda e todos os membros da expedição”. (2007, 91)

Zahm: “o negro era ignorante e negligente” (2007, p. 99).

Zahm: “Os índios são talhados para carregar padres, e eu recorri a esse meio de transporte inúmeras vezes” (2007 p.109).

Roosevelt: “Não chego ao ponto de pensar que os índios bons são índios mortos, mas acho que isso vale para nove entre dez, e eu não gostaria de examinar muito de perto para achar o décimo” (2007, p.123).

Leo Müller: “Sentia repugnância pelas penas de aves e pedacinhos de bambu que os homens enfiavam em orifícios perfurados nos lábios superiores e no septo nasal” (2007, p. 125).

Roosevelt: “por mais esforçados, bem-dispostos e vigorosos que os camaradas fossem é claro que eles não tinham a habilidade de lenhadores do norte” (2007, p.234).

Esses fragmentos da obra de Candice Millard são fontes de múltiplas interpretações. Nossa pretensão não é a de esgotá-los, mas sim fazê-los fruir a partir das contribuições teóricas,

que apresentam a Amazônia por meio das concepções de mundo do ser e viver amazônicos, com as riquíssimas culturas e *ethos* da sua gente.

O encantamento, a admiração, a perplexidade pela floresta fechada, a imensidão dos rios, a exuberante fauna, o tamanho gigantesco das árvores foi o primeiro a ser lançado sobre a Amazônia, desde as primeiras viagens e expedições realizadas pelo “velho mundo”. De acordo com Gondim (2019, p.95),

Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de internalizar sentimentos que variam do primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial.

Os olhares etnocêntricos do colonizador e o desejo em manifestar a superioridade dele frente ao homem amazônico passam a demonstrados pelos integrantes da expedição americana por meio de suas opiniões e desejos, num momento em que a viagem de fato ao “Rio da Dúvida” não havia sequer começado.

Os expedicionários estrangeiros ao se deparem com as intempéries da realidade amazônica, impuseram sobre a região um olhar estereotipado, acompanhado de um discurso de superioridade cultural. Segundo Todorov (1993), aquele julgamento de valor no (plano epistêmico) tinha por base a divisão de estados de conhecimento entre os povos que se encontravam no estágio da barbárie, da inferioridade e da superioridade

O padre Zahm, é um dos membros da comitiva que mais expressa os pensamentos de superioridade de forma natural. Ele se mostrou ofendido por andar ao lado de um motorista negro. Para o clérigo a ideia de miscigenação de raças era algo totalmente desaprovado, principalmente se ocorresse entre um branco europeu e um negro africano.

Tantas outras incongruências foram cometidas pelo religioso. Por onde a comitiva passava ele se destinava a batizar os colonos e índios com a alegação da salvação de suas almas. Passados séculos desde a chegada dos europeus ao “novo mundo”, o eclesiástico comportava-se como as antigas ordens religiosas, não aceitava o diferente. O “Outro” visto pelo o velho olhar ocidental, continuamente posto em prática.

O olhar formatado do colonizador promoveu o embate entre as comunidades indígenas resistentes as formas de exploração colonial europeia e a Igreja com o seu discurso de “salvação de almas”, o qual desqualificava as crenças indígenas. De acordo com Dussel (1993, p.58): “Os índios vêem negados seus próprios direitos, sua própria civilização, sua cultura, seu mundo,

seus deuses em nome de um deus estrangeiro e de uma razão moderna que deu aos conquistadores a legitimidade para conquistar”.

O naturalista Cherrie ao presenciar os costumes praticados pelos colonos e indígenas, de carregar os doentes em uma rede pendurada numa vara de madeira, condenou e passou a desprezar a cultura da região. Era o julgamento de um homem de cultura “superior”, de um país “civilizado”, depositado a um território “inóspito”, que visivelmente não correspondia com a modernidade dos Estados Unidos.

A situação entre o Rondon e o padre ficou insustentável, quando o clérigo alegou total desconforto no novo itinerário e sugeriu que fosse transportado numa poltrona carregada nos ombros de quatro índios. O líder brasileiro se negou a submeter seus trabalhadores a uma situação tão humilhante.

Enquanto a expedição adentrava o interior da floresta ocorreu o encontro com os índios “pelados” nhambiquaras. Descrito dessa forma pela comitiva americana, pelo fato de postarem apenas um cordão em torno da cintura. O coronel Rondon proibira qualquer tipo de violência física contra os índios por parte dos integrantes da expedição.

Roosevelt não compartilhava das ideias do indigenista brasileiro, pois não iria sacrificar nenhum dos integrantes de sua comitiva em favor da proteção dos indígenas. O pensamento do líder americana condizia com a política imperialista de seu país. Na corrida para o oeste americano, os colonizadores dizimaram inúmeras populações indígenas.

Os negros e mestiços encarregados do serviço pesado, como: transportar o carregamento de mantimentos e objetos pessoais, remar e carregar as pesadas canoas pela mata adentro e nas perigosas corredeiras e cachoeiras, limpar o terreno para o acampamento, fabricar as imensas e pesadas canoas em plena floresta, causaram admiração em Roosevelt, por executarem as tarefas com energia, inteligência e boa vontade.

Na narrativa do ex-presidente aquelas características seriam improváveis para os homens dos trópicos, considerados por ele não-civilizados. A preguiça, o ócio, a indolência eram essas características que o homem do progresso e trabalhador observava na comitiva brasileira. Como pontua Pratt (1999, p.72), é “um discurso urbano sobre mundos não urbanos, um discurso burguês e letrado sobre mundos não letrados e rurais”.

A identidade amazônica é formatada na visão do estrangeiro de preconceitos e deformações degradantes. Os povos dos trópicos, segundo Loureiro (2015, p. 55), passaram a ser percebidos como: “Ignorantes, incapazes de assimilarem os padrões da modernidade que a

cidade oferece, sem ambições pessoais, de fala típica, interioranos, primitivos aos quais se adita a omissão dos poderes públicos”.

A floresta, que de início Roosevelt pretendia domar e explorar era apresentada com admiração na sua complexidade e mistérios. Com o passar dos dias, aquele cenário bucólico se transformou de paraíso verde a inferno vermelho, em decorrência dos infortúnios vividos pelos expedicionários americanos.

A ilustração da Amazônia como inferno era reforçado pela presença incessante dos insetos, borrachudos, formigas e os cupins, os quais em nuvens devoravam o que encontravam pela frente; os vermes intestinais, as moscas e mosquitos transmissores de doenças letais: febre amarela, dengue, encefalite e a malária. Este era o cenário da floresta tropical, que se descortinava aos olhos dos aventureiros americanos.

No decorrer dos dias a selva parecia não apenas sombria, mas perigosa e opressiva aos olhos dos estrangeiros. Durante o percurso e mapeamento do “Rio da Dúvida” o encantamento foi dissipado, frente às intempéries naturais, as doenças tropicais, as mortes, as chuvas torrenciais, o calor infernal, a monotonia da floresta e a escassez de alimentos.

Essas vivências, em meio à hileia amazônica, acentuaram o olhar negativo de Roosevelt sobre floresta. O líder americano conclui que ela não tinha nada de pródiga, muito pelo contrário, ela era selvagem e devoradora. Para Souza (2013; p. 43),

(...) até a natureza é alvo de suas observações. Os aspectos terríveis da natureza são exaltados no mais alto grau, de forma que se perceba principalmente o exótico e ao mesmo tempo a exaltação de quem consegue sair vivo de uma aventura destas: os sobreviventes têm poder até mesmo sobre a natureza, ou seja, são capazes de dominar a selva e sair ilesos de seus horríveis perigos para depois contar suas proezas.

Os olhares sobre as espacialidades amazônicas, da natureza, dos índios e negros foram atravessados pela concepção separatista americana. Segundo Foucault (1996, p. 6), o “discurso de rejeição de separação”, é uma prática recorrente do colonizador branco, letrado e burguês a identificar o restante do mundo.

A leitura da obra “*Rio da Dúvida*”, não deixa dúvida nenhuma sobre quem é quem no jogo das narrativas colonialistas: moderno/primitivo, superior/inferior, trabalhador/indolente, habilidoso/desajeitado, monótono/dinâmico, explorador/explorado e civilizado/incivilizado.

Considerações finais

As narrativas das espacialidades amazônicas no campo da literatura, da mitologia, dos relatos de viagens e das teorias científicas contribuíram para disseminar as concepções, as imagens, as representações e os discursos sobre a Amazônia. Esta foi recriada no *locus* enunciativo literário, desde os mitos, como “O Eldorado” e “As Amazonas”, passando pelos diários de viagens dos primeiros exploradores, até chegar a literatura de viagem da obra: “*O Rio da Dúvida*”, de Candice Millard (2007).

As missões deram lugar as expedições, os clérigos aos expedicionários, os quais adentraram a floresta como grandes aventureiros. Os primeiros estudos etnográficos confirmam e formalizam a diferença entre o nativo e o conquistador. Como afirma Gondim (2019), os nativos passaram a ser classificados, nesse momento, de selvagens e semicivilizados em relação ao homem branco, católico e civilizado.

O livro “*O Rio da Dúvida*” relata a aventura expedicionária Roosevelt-Rondon, na Amazônia. Da qual resultou a mudança do nome do “Rio da Dúvida”, para “Rio Roosevelt”, como homenagem prestada por Rondon ao amigo americano. Além de uma extraordinária aventura, a obra retrata os entraves da expedição, que tinha por intuito realizar a coleta de informações da região amazônica.

As informações detalhadas sobre a fauna, a flora, os rios e os povos amazônidas vão aos poucos construindo a ideia da capacidade de superação do homem branco civilizado frente às intempéries da natureza. “Rio da Dúvida” pode ser compreendido como uma das metáforas do assimilacionismo cultural.

As diferenças culturais entre índios, negros e brasileiros por um lado e os brancos e americanos por outro, tinham como imagem central a figura de Roosevelt. Representante máximo da civilização humana, o qual com força, determinação, coragem, inteligência e liderança conseguiu garantir a sobrevivência comitiva dos expedicionários e a façanha de descoberta do “Rio da Dúvida”.

A diferenciação entre brancos civilizados e indígenas selvagens teve o respaldo científico das teses evolucionistas. Segundo releituras dessas teorias as sociedades humanas evoluíram de acordo com os estágios: a barbárie, a selvageria (estágio em que se encontrava o indígena) e a civilização, plenitude humana (estágio do colonizador).

No transcorrer do século XX, por meio das grandes narrativas literárias, a aculturação indígena foi defendida pelo viés associacionista, como estratégia capaz de modificar o caráter

selvagem dos homens dos trópicos e elevá-los a condição civilizatória. Este foi o antigo sonho americano, materializado na expedição de Roosevelt nos confins amazônicos.

No discurso expedicionário e colonialista que marcam a escrita da obra “ *O Rio da Dúvida*”, os rios, as florestas, os bichos e seus habitantes passam a ser identificados, separados, catalogados, classificados e etiquetados: *made in usa* .

Referências

DRUMMOND, José Augusto. **Roosevelt e Rondon desvendam um rio amazônico**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/7zKsxYxmN4q5kzYmrZtfgbT/?lang=pt>. Acesso em 7 mar. 2022.

DUSSEL, Enrique. **1942: O encobrimento do outro** - a origem do mito da modernidade. Tradução de Jaime A. Clasen, Petropolis: Vozes, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura F.A.Samapio, São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Editora Valer, 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015.

MILLARD, Candice. **Rio da Dúvida: sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazonas**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PALM, Paulo Roberto. **Abertura do Rio Amazonas à navegação internacional e o parlamento Brasileiro**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio H.B.Gutierrez Santa Catarina: Editora Edusc, 1999.

RAMOS, Alúcio Wellichan. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade do “bairro” da água branca. Revista do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 1982. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida**. Acesso em: 9 mar.2022.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea**. Estação Literária Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 7 mar. 2022.

SANTOS SILVA, Avacir Gomes dos. **Culturas desviantes: andanças amazônicas pelo Vale do Guaporé**. Goiânia: Editora UFG, 2014.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**, do período pré colombiano aos desafios do século XXI. Rio de Janeiro: Editora Recor, 2019.

SOUZA, Jaqueline Prestes de. **Theodore Roosevelt e a Amazônia: uma análise sobre o discurso presente nas obras “Nas selvas do Brasil” e “O rio da dúvida”**. Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2013. Disponível em: <https://www.ri.unir.br>. Acesso em 3 fev. 2022.

TODOROV, Tzvetan, **A Conquista da América: A Questão do Outro**. Tradução de Beatriz Perrone Moi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.